

***ONCE UPON A TIME:* ANÁLISE NO PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM BRANCA DE NEVE**

JULYANA DE FATIMA SANTOS BEZERRA*

MICHELE SILVA FERNANDES**

ROSA MARIA VALENTE FERNANDES***

RESUMO

Este projeto apresenta a proposta de análise da transformação e desconstrução da personagem Branca de Neve, na série *Once Upon A Time* em relação a sua representatividade do conto original dos irmãos Grimm. A pesquisa tem como objetivo analisar como foi feita a reconfiguração da personagem na série, utilizando como base um recorte da primeira temporada, com o intuito de identificar quais as rupturas que a Branca de Neve passou comparando a versão clássica dos irmãos Grimm e considerando também a adaptação cinematográfica da Disney: *Branca de Neve e os sete anões* (1937). E isso será realizado através de pesquisas e análises de cenas da série e leitura da obra original dos irmãos Grimm, buscaremos apresentar o processo de ruptura na construção na nova Branca de Neve na série, a qual está inserida em novo contexto ficcional. O seguinte projeto visa criar uma reflexão a respeito das novas narrativas midiáticas ou televisivas da atualidade, a origem dos contos de fadas e como é processo de construção e desconstrução de um personagem.

PALAVRAS-CHAVE

Desconstrução. Construção. Semiótica. Branca de Neve. Rupturas. Análise do Discurso. Teoria Literária.

* Graduada em Letras Português e Inglês na Universidade Católica de Santos. E-mail: julyanasantos04@gmail.com

** Graduada em Letras Português e Inglês na Universidade Católica de Santos. E-mail: silva.espagueti@gmail.com

*** Professora doutora em Letras pela Universidade Católica de Santos, Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Bernardo do Campo, Graduação em Langue et Littératures Françaises - Université de Nancy II, mestrado em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo (1983) e doutorado em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo. E-mail: rosaix@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar uma análise comparativa e contrastiva a respeito da desconstrução da personagem Branca de Neve da série televisiva *Once Upon A Time* (2011) e seu diálogo intertextual com a narrativa dos contos de fadas dos irmãos Grimm. Verificar quais rupturas pelas quais a personagem sofre durante o decorrer da trama, a complexidade do enredo e da narrativa e como é a sua interação com os demais personagens do seu núcleo.

Através da série televisiva, podemos notar que a sua narrativa apresenta uma grande compilação de contos de fada e histórias infantis originárias dos Grimm. A série apresenta uma nova visão e perspectivas sobre a versão do conto da Branca de Neve, trazendo a personagem para os moldes do século XXI.

Também iremos analisar quais foram as principais transformações que a Branca de Neve sofreu desde do conto originário, considerando também a adaptação cinematográfica da Disney, *Branca de Neve e os sete anões* (1937). O principal objetivo da pesquisa é descobrir como a Branca de Neve é representada na série *Once Upon A Time* e quais as suas principais rupturas, identificando possíveis conexões existentes entre cada uma das histórias que apresentam a personagem.

Para tanto, analisaremos os pontos de convergência na adaptação de elementos constitutivos da personagem Branca de Neve dos irmãos Grimm e em como foram entrelaçadas com as narrativas da série. E em relação as rupturas sofridas pela personagem, verificaremos qual a sua dimensão na trama e a época na qual se passa a releitura da personagem, a complexidade do enredo e sua interação com os outros personagens pertencentes ao seu núcleo.

Outra questão a ser analisada são as principais transformações pela qual a Branca de Neve sofreu desde o conto original, considerando os diferentes formatos audiovisuais em que a personagem foi representada, e isso será feito através de uma análise semiótica comparativa da personagem de acordo com a teoria dos pensantes Charles Sanders Peirce e Juan-Eduardo Cirlot, observando os significado das cores, ícones e símbolos que compõem a personagem. Iremos, ainda, identificar a estrutura narrativa da série *Once Upon A Time*, quais seus principais personagens e suas características e como é sua relação com a narrativa da Walt Disney.

E na análise a respeito da construção semiótica da personagem, dar-se fundamentada a partir da representatividade da mesma na animação da Disney de 1937 e na primeira temporada de *Once Upon A Time* (2011), a fim de compreender e definir a nova versão da Branca de Neve.

O foco da pesquisa será fazer uma análise na construção da personagem em ambas as versões, avaliando quais os ícones, símbolos e cores existentes em sua composição representam a sua personalidade e como elas são refletidas no enredo, de acordo com a teoria de Juan-Eduardo Cirlot, em *Dicionário dos Símbolos* (1958). Analisar como o desenvolvimento da trama em torno da personagem afeta a mesma, e como esse novo contexto ficcional em que ela foi inserida, pode causar as rupturas em sua construção e desenvolvimento.

Com tal estudo, pretendemos refletir sobre a qualidade da série na transposição da personagem. Se essas adaptações televisivas, além do entretenimento, apresentam qualidades estéticas e como a sua mensagem impacta socialmente o público.

1. O MOMENTO HISTÓRICO DOS IRMÃOS GRIMM

Wilhelm Carl Grimm (1786 - 1859) e Jacob Ludwing Carl Grimm (1785 - 1863), mais conhecidos como os irmãos Grimm, nasceram em Hanau, na Alemanha, filhos do jurista Philipp Wilhelm Grimm e Dorothea Grimm. Foram os grandes percussores dos contos infantis que conhecemos até hoje.

A invasão e ocupação francesa na Alemanha por Napoleão, ocasionou uma revolta entre os alemães, e assim cresceu o espírito nacionalista do romantismo alemão e uma busca de suas raízes populares.

Segundo Mata (2006), os Grimm tiveram acesso à obra de Perrault e reescreveram suas histórias como, por exemplo, *Chapeuzinho Vermelho* e *A Gata Borralheira*. Em 1812, Carl e Jacob apresentaram 85 contos, coletados de suas pesquisas sobre as tradições orais da região de Hesse, na Alemanha, em um volume intitulado “*Kinder – und Hausmärchen*” (Contos de fadas para o lar e as crianças). E nos anos seguintes, os irmãos lançaram mais de 200 contos.

Wilhelm era responsável pela revisão cuidadosa do material coletado, tornando-os mais palatáveis e com uma versão menos imprópria e adaptada para o público infantil, visto que nos originais haviam muita maldade, violência ou aspectos polêmicos que envolviam crianças. E os Grimm queriam uma narrativa mais leve com um ideário cristão, dominante no período, defendendo os valores morais e boas condutas. E esses contos, escritos ou reescritos pelos irmãos, foram: *A Bela Adormecida*, *A Gata Borralheira*, *Branca de Neve*, *Rapunzel*, *A Pastora de Ganso*, *João e Maria*, *A Mão Com a Faca* e *A Chave Dourada*, etc.

Eles faleceram em Berlim, Alemanha, Wilhelm no dia 16 de dezembro de 1859 e Jacob no dia 20 de setembro de 1863.

O conto de fadas pertence à literatura infantil, e seu surgimento ocorreu na França no século XVII, por meio dos contos maravilhosos de Charles Perrault, poeta e escritor francês, que no período ficou conhecido como o autor de *Os contos da mamãe Gansa*, de 1697.

As obras mais populares de Perrault foram: *A bela adormecida no bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Barba azul*, *O gato de botas*, *As Fadas*, *Cinderela ou A gata Borralheira*, *Henrique do tapete* e *O pequeno Polegar*. Tais contos foram escritos e readaptados pelo francês para divertir seus filhos, e as histórias da *Chapeuzinho vermelho*, *A Bela adormecida*, *O Gato de Botas* e *Barba Azul*, reescritas em versões mais modernas e com estilo simples, inspiradas nas narrativas populares.

Assim, notamos que a literatura infantil surgiu como um gênero literário através dos contos de Charles Perrault, mas que foi redescoberta e difundida com os irmãos Grimm, que, por meio de pesquisas e das tradições orais, usaram os contos de Perrault como base para suas histórias.

Durante o tempo em que publicaram suas obras, os Grimm presenciaram um importante movimento literário que foi o Romantismo surgido ao fim século XVIII e perdurou até a metade do século XIX. Esse período literário apareceu na Europa, inicialmente na Alemanha, Inglaterra e França com características vindas do iluminismo.

Com os movimentos históricos como a Primeira Revolução Industrial (1760 - 1820), a Revolução Francesa (1789), queda da monarquia na França e ascensão da burguesia na sociedade, os valores dessa classe social moldaram uma nova forma de ver o mundo, ampliando o número de leitores.

As características do Romantismo são: Subjetivismo e egocentrismo, sentimentalismo, supervalorização das emoções pessoais, exaltação do nacionalismo, da natureza e da pátria,

fuga da realidade dura e fria para emergir no mundo da fantasia, apego à religiosidade, forte uso do senso de espiritualidade e discussão sobre a salvação

2. O CONTO DE FADAS: ORIGEM E PERSONAGENS

Não se sabe a origem exata dos contos de fadas, apenas há estudos e hipóteses de suas origens, mas existem relatos que os primeiros contos surgiram na antiguidade, e os mesmos foram modificando-se ao longo do tempo:

Embora o início do contar estória seja impossível de se localizar e permaneça como hipótese que nos leva aos tempos remotíssimos, ainda não marcados pela tradição escrita, há fases de evolução dos modos de se contarem estórias. Para alguns, os contos egípcios – Os contos dos mágicos – são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4.000 anos antes de Cristo. (GOTLIB. p. 5)

Podemos notar que a origem do conto não é exata: há registros históricos desde antes de Cristo, mas nada que possa realmente provar o seu real nascimento. Um desses vestígios são os contos egípcios, que compreendem a maioria das obras literárias que sobreviveram desde o Período Raméssida do Império Novo, que foi a união da população egípcia contra a dominação exercida pelos hicsos em seus territórios.

A forma de contar estórias sofreu mudanças ao se espalhar para os demais locais do globo. Mas, sabe-se que, nos primórdios, o conto era contado oralmente, e posteriormente passou a ser registrado de forma escrita, tornando assim o narrador o próprio autor do conto.

A história do conto, nas suas linhas mais gerais, pode se esboçar a partir deste critério de invenção, que foi se desenvolvendo. Antes, a criação do conto e sua transmissão oral. Depois, seu registro escrito. E posteriormente, a criação por escrito de contos, quando o narrador assumiu esta função: de contador-criador-escritor de contos, afirmando, então, o seu caráter literário. (GOTLIB. p.8)

E para Gotlib, o conto poderia ser contado de diversas maneiras, sem que sua real essência fosse perdida, o que configura uma das principais características do conto: a possibilidade de ser fluído, móvel e entendido por todos.

A literatura é um dos principais meios de acesso aos contos de fadas, e, segundo Nelly Novaes Coelho (1987), esse gênero é uma forma de expressão sobre a vida e a época em que foi escrito, sendo a literatura uma das formas mais significativas do desejo de saber, que caracteriza o homem de todas as épocas.

Através dos séculos, foram realizados diversos estudos sobre sua origem, e segundo Wladimir Propp (2001), um estudioso dos contos de fadas, a evolução do conto divide-se em duas fases: a primeira, a pré – história, período em que o conto era confundido com mito/rito, pois se entendia “mito” como sentido de relato sobre a divindade que o povo acreditava. Agora o rito, por sua vez, eram atos e ações que tinham a finalidade de operar e usar a natureza como base para seus escritos.

De acordo ainda com Propp (2001), na segunda fase, o conto liberta-se da religião e passa ter a própria vida, já que antes, os contos só eram narrados por sacerdotes ou por pessoas mais velhas e com mais conhecimento. Mas com o passar dos séculos, essas estórias passaram a serem contadas e escritas por qualquer pessoa, popularizando-se ainda mais.

No decorrer dos séculos, os elementos e características de um conto, foram ganhando forma e modificando-se, espelhando-se na sociedade em que estavam inseridas, então, suas histórias possuíam estruturas e personagens verossímeis à realidade.

Devido a alguns movimentos sociais e transformações no pensamento do ser humano, os contos de fadas se transformaram ao longo dos tempos e se adaptaram ao contexto histórico de cada época. E conforme ocorrem as mudanças, migrando, inclusive, para lugares diferentes, o conto passa a ser recontado de uma forma adaptada para cada momento:

Os autores supõem que os contos se transmitem sem transformações importantes durante longos períodos, de geração em geração, mas, assim que eles emigram para outras áreas geográficas, modificam-se para se adaptar ao novo contexto cultural. As raízes históricas do conto são um pulular de pequenas raízes. (ABRAMOWICZ, p.5)

O conto é um dos gêneros narrativos mais comuns da literatura, e tem comprovada influência e relevância na infância e até no mundo adulto. É estruturado como uma narrativa de uma estória curta e com um único conflito. A narrativa tem poucos personagens, cenário limitado e um recorte temporal reduzido. O conto de fadas faz parte de uma das subdivisões do gênero conto composto por:

1. Personagens: São os seres que executam ou sofrem as ações da narrativa. Podem ser humanos, animais ou objetos humanizados.
2. Foco Narrativo: Trata-se do narrador do conto; pode ser narrador na 1ª pessoa que é aquele que participa do conto, intitulado como narrador personagem; o narrador onisciente que não participa do enredo, mas conhece o passado, o presente, o futuro, e os pensamentos dos personagens. E por fim o narrador observador, que conhece toda a trama da narrativa mas não é um participante da história.
3. Tempo: pode ser definido de duas formas: primeiro se trata da época em que acontece a história, da duração do conto, se ocorre durante dias, semanas ou meses e segundo, o psicológico, aquele da passagem do tempo no interior do personagem.
4. Espaço: Trata-se do local onde se desenvolve a narrativa, em que cidade, país, se é uma casa ou floresta e etc.

Observamos que, na construção de conto, não há fronteira entre o real e o imaginário, e assim como na vida real, há presença de desafios a serem superados, fazendo com que a vida se torne algo valioso e merecedor de todo sacrifício. Percebe-se, também, que há lógica dos fatos para que a história possa ter sentido e segundo Propp, esse sequência pode se entrelaçar com outra sequência a fim de dar continuidade ao ciclo, como se afirmar:

Um conto pode compreender várias sequências e quando se analisa um texto deve-se determinar, em primeiro lugar, de quantas sequências esse texto se compõe. Uma sequência pode vir imediatamente após a outra, mas também podem aparecer entrelaçadas, como se se detivessem para permitir que outra sequência se intercale. (PROPP, 2001, p.51)

E essa sequência dos fatos tem um ponto de partida, geralmente um dano ou uma necessidade do personagem principal, e passa por funções intermediárias, o entrelaço, que pode permitir uma outra sequência, com o intuito de um desenlace final, que geralmente termina em casamento, com a união do príncipe com a princesa

Para Nádia Batella Gotlib, a narrativa de conto possui uma sucessão de acontecimentos, e os mesmos têm algo a ser narrado; são movidos pelo interesse humano, e é em relação a um projeto humano que os acontecimentos tomam um significado e organizam-se em uma série temporal estruturada. “O conto se constrói para fazer aparecer artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta” (PIGLIA, 2019, p.94).

[...] uma característica básica na construção do conto: a economia dos meios narrativos. Trata-se de conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos. E tudo que não estiver diretamente relacionado com o efeito, para conquistar o interesse do leitor, deve ser suprimido (GOTLIB. p. 18).

Entende-se então, que, o conto, por ser uma história curta, precisa focar nos elementos, estratégias e recursos essenciais para que os leitores motivem-se ao ler, usando meios narrativos que são necessários e o que não é de extrema relevância precisa ser eliminado.

De acordo com Nelly Novaes Coelho, ainda, o conto por mais que pareça apenas voltado para o mundo infantil, pode carregar herança de sentidos ocultos e essências de nossa vida:

A efabulação básica do conto de fadas, expressa os obstáculos ou provas que precisam ser vencidas, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua auto – realização existencial, seja pelo encontro de seu verdadeiro eu, seja pelo encontro da princesa, que encarna o ideal a ser alcançado. (COELHO, 1987, p. 13).

Convém frisar, igualmente, que os contos de fadas, em geral, são compostos por um ideal: o príncipe deverá superar alguns obstáculos até conquistar a princesa e haver o casamento. Notamos que isso se configura como uma construção comum e simples de qualquer conto de fadas. E para a estudiosa Nelly Coelho, com ou sem presença de fadas, mas sempre possuindo a temática “maravilhosa”, os elementos de um conto desenvolvem-se dentro da magia feérica, com reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas gigantes, anões, objetos mágicos metamorfozes, tempo e espaço fora da realidade.

Agora, comentaremos de forma breve sobre a definição e construção de um personagem, que pode ocorrer de diversas formas e ela vivencia diversos acontecimentos que, ao longo da narrativa, vão despertando o interesse do leitor ou telespectador. Mas para que possamos entender a construção da Branca de Neve, iremos primeiramente definir o significado do termo personagem.

Segundo Beth Brait (2019) os estudos e definições sobre os actantes vêm de longa data, desde a Grécia antiga com um levantamento de questionamentos feitos por Aristóteles, que foi o criador do termo “*mimesis*”, que significa “imitação do real”, como referência à semelhança com a imagem da realidade.

Ao raiar do século XVIII, a teoria de Aristóteles sobre a verossimilhança do personagem, cai em declínio e passa ser substituída por uma visão mais psicológica do autor, e também foi um momento em que o sistema de valores da estética clássica, começa a perder espaço. E, de acordo com Beth Brait(2019), foi nesse século que o romance se entrega a uma análise das paixões e dos sentimentos humanos, e de até mesmo da sátira social, política ou com intenção filosófica, e com essa transformação de valores e estética, o leitor passa a ter uma ligação emocional com o personagem, e muitos acabam por acreditar na existência do mesmo. E o autor utiliza de códigos verbais para dar vida ao seu personagem.

Outra questão a ser comentada em relação a construção de uma personagem, é que precisamos observar qual se trata a sua classificação em uma narrativa, se a personagem é plana ou redonda. Uma personagem plana é construída ao redor de uma única ideia ou qualidade, que podem ser definidas em poucas palavras e não possuem uma narrativa muito complexa (BRAIT,2019).

A autora também faz uma definição sobre personagens redondos ou esféricos. O personagens redondos, podem ser definidos por sua complexidade, possuem diversas qualidades ou tendências, podendo até mesmo surpreender e comover o leitor da narrativa. “São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano” (BRAIT, 2019, p.41).

Antes de iniciarmos nossa análise, breves palavras sobre os textos *A imagem* (NEIVA JR, 2017) e *Semiótica* (PEIRCE,2013) são necessárias, visto que lidaremos, também, com uma linguagem não verbal e análise semiótica.

A respeito da imagem, segundo Neiva Jr (2017), ela possui apenas uma similaridade com o objeto, pois ela representa o objeto, não é o objeto em si.

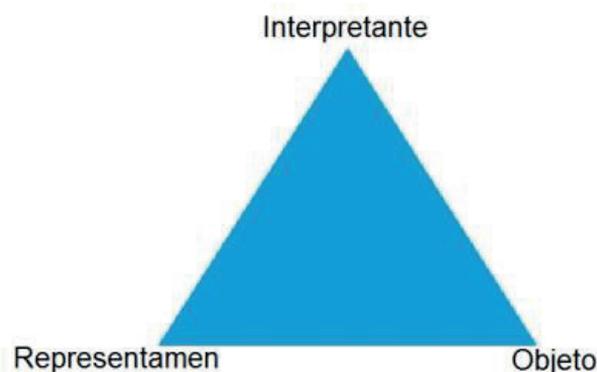
Mas mesmo que a imagem não tenha nenhuma relação direta com o objeto, não significa que ela é livre de regras de constituição, pois ela precisa cumprir um grau de convencionalidade em relação ao objeto representado, para que possa ser considerada como uma imagem. O estudioso também frisa, que um autor precisa possuir um repertório de esquemas que possam elaborar e interpretar a realidade, pois ao seguir um modelo, ele consegue organizar a experiência perceptiva.

E Neiva Jr também declara, que uma imagem é autônoma, pois a nomenclatura antecede a representação, então, sua autonomia é restrita pela necessidade de assimilá-la ao objeto. E a imagem também é capaz de apontar para as coisas da realidade. “A representação simbólica e os objetos aos quais os signos se associam não têm uma conexão necessária. Parecem ser relacionados porque uma nomenclatura antecede a produção da imagem” (NEIVA JR, 2017, p.12).

Em relação à semiótica, o estudioso Charles Pierce realizou investigações sobre as significações dos signos. Alega que o “signo é aquilo que representa algo para alguém”, pois o signo representa alguma coisa que está no lugar de outra. (PEIRCE, 2013, p. 46).

O signo para Peirce é triádico, dinâmico, ou seja, é constituído de três partes (Figura 1):

Figura: 1 Pirâmide do Triádico de Peirce



Fonte: Própria (2020)

Na composição do signo, há o Representamen: uma forma de manifestação, sua base física; o Objeto, a coisa em si que provoca uma reação; e, o Interpretante, o alguém que para perceber o objeto evoca um signo que o representa. Por isso, um signo é sempre o outro.

Todas as categorias mencionadas, compreendem mais três divisões cada uma. Focalizaremos somente àquelas relacionadas ao objeto, a que mais nos interessam a saber, e segundo Peirce (2013) a categoria divide-se em:

1. Ícone: tem alguma semelhança com o objeto. Ex: fotos, esculturas etc.
2. Índice: relação indicial com seu objeto. Ex: nuvens no céu, sinal de que vai chover.
3. Símbolos: convencionais, signos da lógica. Tem caráter representativo pois consiste em ser uma regra que irá determinar seu interpretante. O autor afirma que palavras, frases e livros, são considerados como símbolos, pois esses exemplos tanto escritos ou orais, se tratam apenas de uma réplica do objeto.

3. A SÉRIE ONCE UPON A TIME E ANÁLISE DA PERSONAGEM BRANCA DE NEVE E SUAS CARACTERÍSTICAS SIMBÓLICAS

Once Upon a Time é uma série de origem norte-americana, criada por Adam Horowitz e Edward Kitsis. Teve sua estreia em 23 de outubro de 2011. A série conta a história de diversos personagens de contos de fadas clássicos e se passa em dois tempos: o primeiro acontece na floresta encantada, local em que vivem a Branca de Neve, a Rainha Má e os personagens dos contos de fadas. E após a morte do rei (pai da Branca de Neve), a Rainha Má assume o trono do reino e, por inveja e vingança, culpa Branca de Neve pela morte do seu grande amor Daniel, logo a Rainha Má declara guerra contra a princesa que foge do castelo para se proteger.

Então, a Rainha Má com a ajuda de Rumpelstiltskin, lança a maldição das trevas sob todos os personagens que são conhecidos por nós por suas famosas histórias como: *Branca de Neve e os sete anões*, *Cinderela*, *A Bela e a Fera*, *Pinóquio*, *Capitão Gancho* entre outros, foram lançados no “mundo real” sem nenhuma lembrança de suas vidas anteriores e assumem outros papéis e passam a viver na cidade fictícia de Storybrooke, na qual a Rainha Má se torna prefeita, a Branca de Neve se transforma em uma professora de uma escola primária e o seu grande amor, o Príncipe Encantado, se encontra em coma, após ter sofrido um acidente.

Para o nosso objeto de estudo, iremos utilizar duas versões da personagem Branca de Neve: a versão clássica, do filme de Walt Disney, de 1937, que é inspirada no conto dos irmãos Grimm, e a da série *Once Upon a time*, de 2011. A narrativa sobre a história de uma jovem princesa, que demonstra uma certa obediência e ingenuidade diante de sua perversa madrasta, a Rainha Má:

[...] a história da linda menina “alva como a neve, com cabelos negros como ébano e lábios vermelhos como o sangue” foi recolhida da memória popular e compilada pelos irmãos Grimm, entre os anos de 1812 e 1822. Quando os escritores da Disney se aproximaram dessa clássica história e a transformaram em um longa-metragem. (MESQUITA FILHO, 2008, p.2.)

Segundo Nilton Gonçalves Gamba Junior (2016), a adaptação cinematográfica da Branca de Neve e os Sete Anões expressa o forte desejo que a Disney tinha de se aproximar o máximo possível do design e da estética dos velhos livros de histórias infantis europeus, principalmente inspirados no expressionismo alemão.

O mesmo estudioso fomenta que esses fortes traços expressionistas da Branca de neve podem ser encontrados por exemplo, na cena em que a princesa foge pela floresta após ter a vida poupada pelo caçador. Nesse momento, há uma atmosfera expressionista, pois o estado de desespero em que a princesa se encontra nessa cena, evidencia uma realidade interior da protagonista, levado ao extremo que a transfigura, ou seja, estamos diante de um tempo psicológico.

A produção da Disney, de 1937, foi lançada em um momento histórico em que a humanidade estava se transformando, adquirindo novos hábitos sociais e abandonando algumas características do século anterior. Período conturbado, vésperas da Segunda Guerra Mundial e da evolução do cinema.

De acordo com o filme, a jovem princesa possui talentos domésticos excepcionais, comprovados quando ela os mostra na casa dos anões. Com isso, podemos notar também o comportamento feminino da época, na qual a mulher não era ativa na sociedade e se dedicava apenas aos cuidados do lar e da família.

Ao ter que ser salva pelo príncipe, evidencia-se outro comportamento: a dependência feminina em relação ao homem, visto como o grande salvador, comprovando a influência da sociedade na construção da história e da própria personagem.

Convém também em nossa análise, nos referirmos a elementos de suma importância nos textos: o vestuário e as cores utilizadas pela personagem. As cores da vestimenta da princesa não representam apenas a estética visual e superficial das coisas, pois elas são capazes até de influenciar sensações ou atitudes no ambiente por exemplo. E, segundo a análise de Juan-Eduardo Cirlot, as cores podem ter diversos significados sejam eles espirituais, intelectuais, mitológicos entre outros, cada uma com seu significado peculiar e emblemático. A tonalidade que compõe o figurino da Branca de Neve, aponta para três cores primárias: vermelho, amarelo e azul.

Destacamos primeiro a cor vermelha, presente no laço na cabeça da Branca de Neve e em seus lábios, designando uma associação afetiva como a paixão e calor, e, igualmente, associada à figura da mulher e sua feminilidade. Baseamo-nos para tal no dicionário de Cirlot (1958), pois a cor vermelha para ele, liga-se ao sangue pulsante e ao fogo, é a cor dos sentidos vivos e ardentes. Relaciona-se ao planeta Marte, princípio doador de vida como nossa heroína.

E a tonalidade vermelha encontrada na personagem, como está ligada à figura da mulher, ela caracteriza-se na personalidade da princesa, pois além de ser feminina ela possui gestos ligados a feminilidade como os seus gestos gentis e meigos.

A cor amarela encontrada no vestido, de acordo com Cirlot (1958) veio em nosso auxílio, visto que a alega que a cor amarela está ligada ao sol, uma coloração que nasce das trevas como um mensageiro da luz e tem a função de iluminar. Também acrescenta que a cor, está associada ao Deus grego Apolo, ligada à generosidade, intuição e intelecto.

E a cor amarela como significa uma coloração que nasce da trevas e tem função de iluminar, podemos considerar que mesmo diante da maldade da Rainha Má, Branca de Neve possui luz dentro de si, que consegue iluminar o seu destino.

O azul – escuro que, também encontramos no vestido da princesa, está associado à tranquilidade e segundo Cirlot (1958), essa cor pode ser assimilada ao preto, pois se situa entre o branco e o preto que são considerados respectivamente, como dia e noite, podendo assim significar o equilíbrio. Essa cor podemos associá-la à personalidade da princesa, pois ela é uma personagem tranquila e sempre mantém o equilíbrio diante de diversos acontecimentos.

Conclui-se, portanto, que as características dessas cores, relacionam-se com a própria personalidade da princesa, pois Branca de Neve é uma figura feminina e sua história envolve amor e paixão, com gestos gentis, tranquilos e afetivos.

Como já foi dito, Branca de Neve possui uma personalidade gentil e meiga, que prevalece do início até o fim da história, tornando a princesa uma personagem plana, já que suas características podem ser resumidas em poucas palavras e são inalteráveis ao decorrer da trama e mesmo diante dos obstáculos causados pela Rainha Má.

Agora iremos comentar a respeito dos elementos mais importantes da história da Branca de Neve, primeiro será a maçã envenenada preparada pela Rainha Má. A figura da maçã é capaz de passar efeitos de sentido e uma vasta rede de relações interdiscursivas vindas de histórias de conhecimento universal, como o fruto proibido de Adão e Eva ou o pomo da discórdia da Guerra de Tróia. Nas referências citadas, a maçã possui um tom de pessimismo:

Em ambas, a presença da maçã assume uma negatividade, daí ser conhecida como o fruto do pecado, da sedução e do conflito. Esses efeitos se reiteram na história da Branca de Neve, pois esse fruto, elemento que provoca a semi-morte da princesa, inscreve-se em uma complexa rede simbólica, sendo sempre associada ao desejo, à paixão e, também, à perdição. (MESQUITA FILHO, 2008, p.11)

Podemos considerar a maçã como um ícone, pois segundo Charles Peirce, a imagem tem semelhança com o objeto somente em relação à aparência, pois a maçã é apenas o desenho representativo do objeto. E ao analisarmos o simbolismo da maçã, podemos notar que ela possui uma relação com os desejos terrenos e materiais, ligada ao fruto proibido de Adão e Eva, e tal proibição se posiciona de forma oposta aos desejos humanos:

Como forma quase esférica, significa uma totalidade. É um símbolo de desejos terrenos, de seu desencadeamento. A proibição de comer a maçã vinha, portanto, da voz suprema, que se opõe à exaltação dos desejos materiais (15). O intelecto, a sede de conhecimento é - como Nietzsche sabia - uma zona apenas intermediária entre a dos desejos terrestres e a da espiritualidade pura e verdadeira (CIRLOT, 1958, p. 296).

Outro ícone que podemos identificar na animação da Disney, é o espelho da Rainha Má, pois ele representa a vaidade da Bruxa e também serve como espião através da capacidade de localizar no reino alguém mais bela que a rainha. Trata-se, também, de um objeto que transmite uma realidade paralela, visto que ele consegue enxergar uma realidade não percebida pela vilã, como se fosse uma visão de outra dimensão.

Segundo Cirlot (1958), o espelho possui um caráter de variabilidade temporal e existencial que explicam seu significado essencial, e, ao mesmo tempo a diversidade de conexões significativas do objeto. O autor ainda alega que o espelho é um símbolo da imaginação - ou consciência - capaz de reproduzir os reflexos do mundo visível em sua realidade, e como a Rainha Má costumava usar o espelho para se admirar, podemos associamos esse ato ao mito do Narciso que usava o reflexo da água para a sua autocontemplação.

No que concerne à construção da Branca de Neve na série *Once Upon a Time*, nota-se uma drástica diferença, visto que os acontecimentos e toda a trama que envolvem a personagem, influenciam diretamente em sua construção. E para Amanda Pinho (2014) A série em si foi elaborada com o intuito de trazer os contos de fadas tradicionais para a nossa realidade do século XXI, pois com a evolução das tecnologias e mudança de comportamento da sociedade,

que hoje é mais ativa e dinâmica, onde a mulher ganhou mais voz e espaço, foi necessário construir uma protagonista com características que são reflexo da atualidade.

Na série, há duas versões da protagonista: a primeira, antes da maldição lançada pela Rainha Má, e a outra, após esse dado. Inicialmente, comentaremos sobre a construção da primeira Branca de Neve, princesa do reino onde vive com seu pai e a Rainha Má.

Nessa versão da personagem e no começo da trama, Branca possui características semelhantes à princesa criada pela Disney, meiga e gentil, com comportamento comum de uma princesa, segundo o imaginário coletivo. Porém, depois da morte do pai, o reino passa a ser governado pela Rainha Má, e Branca de Neve tem de fugir do castelo e assim passa a sofrer mudanças em sua construção.

Nessa fase, ela costuma usar roupas de tons mais claros, em algumas cenas aparecendo com um vestido de cor amarela, como na adaptação da Disney. A cor dos lábios também é vermelha, a única diferença é o corte de cabelo, pois na animação de 1937, Branca de Neve tinha cabelo curto e usava um laço vermelho na cabeça; já a princesa da série, possui o cabelo mais comprido e ondulado.

Até esse momento, ela poderia ser considerada personagem plana, tratando-se de um personagem que permanece com as mesmas características da sua personalidade do início ao fim da história, não possuindo nenhum tipo de complexidade. Mas como ela precisou fugir do castelo para escapar da Rainha Má, notamos a transformação da personagem de plana para esférica, que é um personagem com características de sua personalidade mais complexas e elaboradas, as quais são alteradas devido aos acontecimentos externos. Daí a explicação de não haver até agora, modificações substanciais nos seus trajes e com as mesmas cores da Branca de Neve do filme da Disney.

Após sua partida, a procuram por todo o reino. Ela se encontra na floresta encantada para poder se esconder. Suas características tornam-se cambiantes já que longe do castelo, ela perde todo o luxo de uma vida de princesa para manter-se viva. Assim, a personagem abandona seus belos vestidos e surge de colete, calças e botas, com tons escuros com um estilo de caçador. Seu comportamento torna-se um pouco mais duro. Manifesta opinião forte, mas sem perder a bondade, gentileza e continua sempre a querer ajudar ao próximo.

Justificam-se essas mudanças, devido a um conjunto de acontecimentos que a protagonista sofreu e pelo fato de ter de lutar para sobreviver sozinha. Ela é obrigada a se tornar uma jovem independente. E o estudioso Guacira Louro (2000), alega que o ser humano se adapta ao meio em que vive, construindo sua identidade a partir do âmbito social, e como Branca de Neve não é mais reconhecida pela floresta encantada como princesa, pois não possui mais suas características fúteis de alguém da realeza, ela passa a lutar, usar o seu arco e flecha e cometer roubos para poder sobreviver:

A Branca de *Once Upon A Time* é uma mulher forte, que reage contra o poder absoluto da Rainha, sua madrasta; se necessário, alia-se a rivais para alcançar objetivos, como foi o caso de Rumpelstiltskin; veste-se com roupas masculinas e age como um caçador, deixando de lado os vestidos para usar calças compridas, tem habilidade com o arco e flecha, domina a esgrima, foge a galope, entre outras ações impetuosas e arriscadas demais para os padrões de uma jovem princesa, criada com todas as regalias dentro de um castelo (VALENZUELA, 2014, p.11).

O figurino da princesa é modificado, ela passa a usar cores mais escuras e não muito chamativas para ficar mais fácil se esconder quando necessário. Por isso, em seu colete podemos

observar a cor marrom, uma tonalidade ligada à cor da terra ou campo. Outra tonalidade que podemos destacar no figurino é a preta usada na bota da personagem, que segundo Cirlot (1958) associa-se à terra adubada, ou seja, são cores relacionadas com a natureza, local onde a princesa se esconde.

O tom preto também simboliza tristeza ou morte, remetendo à vida de princesa, que se encontra triste e longe do reino após a perda do seu pai. Cirlot (1958) também alega que o preto é o oposto do branco carregado de aspectos negativos, que exprime todas as fases preliminares correspondentes à descida ao inferno, o que constitui uma espécie de penitência. Ora, nossa personagem também desce ao inferno nessa trajetória e acha-se perdida sem saber qual caminho trilhar.

Um elemento que se torna seu novo ícone é o arco e flecha que a princesa usa para poder se proteger na floresta. Esse ícone pode ter diversas análises, pois ele possui uma representatividade em cada cultura. No significado espiritual, o arco e flecha representam a intenção que temos sobre nossa vida, pois a flecha significa abertura, conquista destino conhecimento e defesa. E assim como o relâmpago, também representam um raio de se transpõe sobre a ignorância, levando conhecimento e luz, parafraseando Cirlot.

Na cultura indígena, o arco e flecha simbolizam guerra e paz, pois eles utilizam a arma tanto para se proteger quanto para a caça, e já na mitologia grega, o arco e flecha estão associados a Eros, Deus do amor que acertava com uma flecha os corações enamorados. Segundo Juan-Eduardo Cirlot (1958), ainda, o arco e flecha também estão ligados à mitologia grega, especificamente ao Deus Apolo, pois ele simboliza a energia solar, seus raios têm poder fertilizante e purificador.

Dessa forma, a mudança de cores e das vestimentas no figurino da princesa, torna-se reflexo dos acontecimentos, do espaço e do novo estilo de vida da personagem, já que foi preciso passar por um processo de adaptação para que ela pudesse sobreviver.

E depois de ter lançado a maldição ao reino, a Rainha Má, levou todos os personagens do mundo encantado a viver no mundo real, sem que se lembrasse de absolutamente nada sobre as vidas passadas. E, no mundo real, Branca de Neve passa a ser a doce professora Mary Margareth, mora na cidade fictícia de Storybrooke. Essa personagem ingênua é vulnerável em alguns aspectos, principalmente em relação à paixão.

Percebe-se que Mary Margareth, foi construída com as mesmas características da princesa na versão da Disney, de 1937, e ela até faz referência à clássica animação em uma das cenas da série. Mary assemelha-se às características da Branca de Neve criada pelos irmãos Grimm, com o mesmo caráter e personalidade meiga, que não se importa em ser subordinada à Rainha Má, e que, acima de tudo, está sempre em busca do amor.

Nessa nova faceta de Branca de Neve, que vive no mundo real, o seu figurino é composto por cores claras e neutras. O seu agasalho possui um tom de cinza claro, que segundo Cirlot (1958), é uma cor que significa neutralização, desânimo, inércia e melancolia, justamente um dos elementos que compõe sua vida no mundo real, uma melancolia que ela esconde por detrás de sua personalidade gentil.

A sua blusa é de um pastel ou bege, consideradas como cores neutras, com pouca energia. Por possuir algumas características da princesa da Disney, Mary Margareth também usa um corte curto de cabelo e com a mesma tonalidade, mas não utiliza a cor vermelha em seus lábios. Observamos então, que as cores que compõem Mary Margareth, são tonalidades que se associam à sua vida, melancólica e neutra, sem muitos acontecimentos ou emoções.

A primeira cena em que aparece Mary Margareth, ela segura um pássaro em suas mãos, e segundo Cirlot(1958), todo ser alado é um símbolo de espiritualização para os egípcios, e para a tradição Hindu. A ave representa os estados superiores do ser. O estudioso também relaciona a imagem do pássaro com a alma, algo que é muito frequente no folclore.

Mary Margareth Blanchard, por sua vez, personificação de Branca em Storybrooke após a maldição, apresenta-se a partir de um estereótipo negativo de uma professora de crianças cujo sonho — frustrado — é casar-se e ter filhos. Ingênua, fraca, indecisa, mas sonhadora, gentil e esperançosa, Mary Margareth (MM) manteve, contudo, o caráter de bondade e justiça que marca Branca de Neve mesmo após a maldição (VALENZUELA, 2014, p.13).

Sendo assim, nota-se a grande diferença na construção da personagem Branca de Neve, que na versão clássica da Disney é fiel ao conto dos Grimm, demonstrando o seu comportamento clássico de uma princesa. Mas em *Once Upon a Time*, Branca de Neve é construída de acordo com os acontecimentos que a envolvem, fortemente influenciada por eles e obrigada a encontrar meios de sobreviver sozinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi realizada a análise dos personagens tanto da animação da Disney quanto da série *Once Upon A Time*, o projeto desenvolvido teve como objetivo vislumbrar quais são as principais transformações pela qual a personagem sofre desde o seu conto original produzido pela Disney.

O estudo foi construído tendo em vista a análise em relação às duas narrativas, representadas pela protagonista Branca de Neve, com a finalidade de encontrar respostas para as possíveis rupturas na construção da actante.

O projeto abordou o processo de desconstrução da personagem Branca de Neve de *Once Upon A Time*, que vem a partir do desenvolvimento e construção complexa da personagem na série e a definição de como é o diálogo intertextual com a narrativa dos contos de fadas dos irmãos Grimm juntamente com a animação da Disney, de 1937.

A intertextualidade presente entre a Branca de Neve clássica para a versão moderna da série serve como uma análise comparativa e contrastiva a respeito da construção de cada uma. Foi através dessa análise que pudemos verificar e constatar uma ruptura existente entre ambas as versões da personagem, pois a versão clássica da Disney possuía características femininas doces e gentis, com um comportamento que era reflexo do papel da mulher na década de trinta, a quem eram atribuídas apenas às tarefas domésticas.

Na construção da Branca de Neve de *Once Upon A Time* foi feito um recorte da primeira temporada da série, em que podemos notar uma drástica quebra, pois a mesma deixa de ter um comportamento muito dócil depois de ter que fugir da Rainha Má e se esconder na floresta encantada. Como o espaço onde ela foi obrigada a viver para sobreviver, suas características em relação à personalidade se alteram, e tal mudança foi adquirida para que Branca de Neve pudesse sobreviver sozinha em uma floresta perigosa.

Mergulhamos, igualmente, no período histórico em que a série foi produzida: nova visão de mundo perante o avanço social especialmente o da mulher. Se formos considerar a época na qual a série foi lançada, nota-se que ela tornou-se um reflexo da mulher moderna do sécu-

lo XXI. Alega-se que essa transformação venha da influência do ser feminino moderno que hoje tem pensamentos diferentes e mais autonomia.

Concluindo, pudemos constatar que as versões que conhecemos sobre as histórias infantis foram moldadas ao longo dos séculos, de acordo com o contexto histórico no qual estão inseridos.

A análise do presente projeto pôde servir de reflexão a respeito da qualidade da transformação da Branca de Neve do conto original para mídia e a função da mulher moderna que conquistou maior representatividade nos últimos tempos, na sociedade, e que serviu como reflexo para a construção da nova Branca de Neve.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A. *Contos de Perrault: imagens de mulheres*.1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32621998000200006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 02 mar.2020.
- BRAIT, B. A *personagem*. São Paulo, SP: Docsity, 2019. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/a-personagem-beth-brait/4927960/>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- CIRLOT, J.-E. *Dicionário dos Símbolos*. São Paulo, SP: Scrib.1958. Disponível: <https://pt.scribd.com/doc/202464171/CirLOT-Juan-Eduardo-Diccionario-de-Simbolos>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- COELHO, N. N. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.
- GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1990.
- LOURO, G. *Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MATA, S. da. MATA, G. V. da. Os irmãos Grimm entre romantismo, historicismo e folclorística. *Revista de História e Estudos Culturais*. Minas Gerais. Junho de 2006. Disponível em: <http://www.revista-fenix.pro.br/PDF7/09%20ARTIGO%20SERGIO%20DA%20MATA.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2020.
- MESQUITA FILHO, J. de. *Análise Semiótica do Discurso Publicitário: Caso de Apropriação e de Resignificação da Figura Branca de Neve*, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/r10-0071-1.pdf>. Acesso em 01 set. 2020.
- NEIVA JR, E. *A imagem*. São Paulo, SP. Fdocumentos, 2017. Disponível em: <https://fdocumentos.tips/document/neiva-jr-eduardo-aimagem.html>. Acesso em: 23 set. 2020.
- GAMBA JUNIOR, N. G.; SENNA, M. G. S. de. De Calligari à Rainha Má: A influência dos Expressionismo Alemão no filme Branca de Neve e os sete anões. *ALCEU*, v. 17 n.33, p. 125 a 137, jul./dez. 2016. PUC-RJ. Disponível: <http://revistaalceu.acervo.com.pucRio.br/media/art%20125-137.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo, SP. Groups. Google, 2013. Disponível em: <https://groups.google.com/g/corpocultura/c/Tsey8FNBosY>. Acesso em: 25 set. 2020.
- PIGLIA, R. *Formas breves*. Rio de Janeiro, RJ. Docsity, 2019. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/formas-breves-ricardo-piglia/5106570/>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- PINHO, A. *Encontrando Chapeuzinho Vermelho e Branca de Neve: a representação das personagens femininas em Once Upon a Time*, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0893-1.pdf>. Acesso em: 25 abr.2020.
- PROPP, V. Morfologia do conto. *Monoskop* .p. 49 - 64. CopyMarket.com, 2001. Disponível em :https://monoskop.org/images/3/3d/Propp_Vladimir_Morfologia_do_conto_maravilhoso.pdf.
- VALENZUELA. S. T. Branca de Neve e o Príncipe encantado: Personagens de Once Upon a Time. *Revista USP*, São Paulo. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/>

view/89213/92121. Acesso em 10 abr. 2020.

ABSTRACT

This Project presents the proposal to analyze the transformation and deconstruction of the character Snow White, in the series once upon a time in relation to its representativeness of the original tale of the Brothers Grimm. The research aims to analyze how the character was reconfigured in the series, based on a cut from the first season, in order to identify the ruptures that Snow White suffered by comparing the classic version of the Grimm brother sandal so considering the Disney film adaptation: Snow White and the seven dwarfs (1937). This will be accomplished through research and analysis of scenes from the series and reading of the original work of the Brothers Grimm, we will seek to present the rupture process in the construction of the new Snow White in the series, which is inserted in a new fictional context. The following project aims to create a reflection on the new media and television narratives of today, the origin of fairy tales and how is the process of building and deconstructing a character.

KEYWORDS

Deconstruction. Construction. Semiotics. Snow White. Ruptures. Discourse Analysis. Literary Theory.

